

# Editorial

A publicação de um número especial da revista *Espaço Pedagógico* tratando de políticas educacionais justifica-se principalmente por duas razões: a qualidade das reflexões produzidas pelos autores e a relevância da temática no contexto atual. Os textos não reforçam saídas individualistas nem desacreditam no potencial da educação, mesmo fazendo análises críticas.

Hoje é consenso que estamos vivendo um período de crises, mesmo que a compreensão desse fenômeno ganhe enfoques diversos. Certezas que orientavam projetos políticos hoje dificilmente encontram consensos. As perspectivas que se abrem no campo das tecnologias e da informação criam inúmeras possibilidades de pesquisa e de difusão de conhecimentos de forma ágil. As lutas emancipatórias e pelo reconhecimento das diferenças e das minorias não deixam de estar presentes em conferências nacionais e internacionais, em fóruns, seminários etc. Tudo isso nos deixa, por vezes, atordoados. Diante dessas incertezas, multiplicam-se os que dão respostas rápidas e, por vezes, simplistas para questões profundas e complexas. Ou-

tros sequer vislumbram alternativas sociais e coletivas e acabam propondo soluções pessoais e subjetivas.

Os textos que compõem o presente número da revista apontam numa direção inversa. Buscam na crítica não desqualificar ou negar processos, mas aprofundar possibilidades de avanço. Talvez aqui resida o grande desafio para as ciências sociais neste início do século. Que referenciais teóricos nos permitem apreender a realidade nos seus processos conflitivos e contraditórios dentro de uma perspectiva de totalidade? É possível manter uma postura crítica e, ao mesmo tempo, aprofundar possibilidades emancipatórias e de cidadania?

Incorporar de modo dinâmico e efetivo as contribuições da dialética não é tarefa fácil. Tendemos a identificar, prioritariamente, os elementos que se tornam dominantes e a menosprezar o papel das experiências que carregam potencialidades emancipatórias, mesmo que fragmentadas e pontuais. As práticas de resistência e de luta dificilmente conquistam posições hegemônicas. É nesse horizonte que se torna fundamental a superação dos determinismos, inclusive dos

que se fazem presentes na tradição marxista, que limitam a apreensão da realidade.

É fundamental a crítica aos processos excludentes de globalização, aos limites da tradição iluminista e da modernidade, aos processos crescentes de mercantilização do ensino, particularmente da educação superior, às políticas que pouco contribuem para a qualificação das instituições através de processos avaliativos, às formas autoritárias e facistas de instrumentalização da educação. É preciso dar visibilidade aos elementos potencializadores de emancipação que também se fazem presente nesses processos de forma contraditória e, por vezes, silenciosos. Por mais que ocorram práticas de dominação, sempre coexistirão experiências alternativas de transformação.

Os referenciais teóricos precisam nos ajudar a dar visibilidade às experiências de luta e de resistência, visto que são elas que alimentam as utopias. Mais do que isso, é fundamental avançar em releituras de autores clássicos para nos ajudar no questionamento da linearidade presente em discursos pós-modernos que negam a modernidade em bloco, como se o desenvolvimento histórico fosse determinado pelas idéias de alguns autores, ou seja, fica a impressão de que a modernidade produziu todos os males contemporâneos. Rer ler criticamente os autores implica reconhecer as suas contribuições e os seus limites.

Os textos que compõem o presente número abordam de diferentes pontos de vista questões e desafios que fazem parte das discussões no âmbito das políticas educacionais. Acreditamos que a publicação dessas pesquisas pode contribuir no aprofundamento desse debate. Na apresentação inicial vou dispensar uma introdução específica de cada artigo. No entanto, chamo a atenção para a necessidade de uma leitura contextualizada de cada artigo para que seja possível apreender a riqueza de cada um e as suas contribuições às discussões de temas específicos e, também, das tendências gerais das políticas educacionais.

Ao concluir esta apresentação não poderia deixar de agradecer a colaboração do professor Jaime Giolo, que fez a mediação com os autores e seus textos. A sua participação foi fundamental e decisiva para a organização deste número especial. Suas preocupações com os rumos das políticas educacionais justificam, com certeza, essa iniciativa. Agradeço de modo especial aos autores que, com suas reflexões e pesquisas, criam condições para que o debate possa avançar e a formulação de novas propostas não deixe de incorporar essas contribuições.

Desejamos a todos proveito na leitura dos textos e que eles possam contribuir na qualificação dos processos de elaboração, implementação e avaliação das políticas educacionais.

Telmo Marcon  
Editor